

Cabaz de compras continua a disparar

Preço do açúcar subiu 17% numa semana

O cabaz de compras com bens essenciais continua a disparar nos preços e alguns consumidores começam a desconfiar que as grandes cadeias de distribuição aproveitam-se do argumento da inflação e da crise para subir preços de produtos que nunca saíram das prateleiras.

Os consumidores açorianos têm-se queixado, sobretudo, na diferença de preços que encontram nas grandes superfícies comerciais de um dia para o outro, sem que o produto tenha saído de lá.

O preço do açúcar branco, por exemplo, subiu 17% entre os dias 5 e 12 de Outubro, segundo a DECO, que sublinha o facto de, actualmente, abastecer a despesa de bens alimentares essenciais já custa mais de 210 euros às famílias.

Os preços com que a DECO trabalha referem-se aos preços nacionais, mas nos Açores os aumentos são semelhantes, alguns até maiores, com o argumento do custo dos transportes.

Carne, peixe, fruta e legumes sempre a subir

De qualquer forma, segundo a DECO, um cabaz de bens alimentares essenciais custa actualmente 210,51 euros, mais 14,64% (mais 26,88 euros) do que custava a 23 de Fevereiro, véspera do início do conflito armado na Ucrânia e data em que iniciámos esta análise.

Na semana entre 5 e 12 de Outubro, o açúcar branco foi o produto que registou o maior aumento de preço (mais 17 por cento).

Uma embalagem de um quilo custa agora, em média, 1,33 euros, mais 0,20 cêntimos do que custava há apenas uma semana.

Os aumentos têm-se feito sentir em todas as categorias alimentares, e têm sido, sobretudo, a carne e o peixe os que mais têm visto os seus preços subir.

No entanto, com os aumentos de preço registados nos últimos dias, as frutas e legumes subiram à segunda posição do pódio das categorias de produtos com

Nos Açores há muitas queixas de consumidores que vão ao supermercado e vêem os produtos subirem de preço de um dia para o outro, sem que tivessem saído das prateleiras



Cabaz de compras, na média nacional, está nos 210,51 euros, mais cerca de 15% do que em Fevereiro, diz a DECO

maiores aumentos entre 23 de Fevereiro e 12 de Outubro.

Durante este período, a carne registou uma subida de 19,28% (mais 6,22 euros), as frutas e legumes viram os seus preços aumentar 17,48% (mais 4,13 euros) e o peixe aumentou 17,12% (mais 10,33 euros).

A mercearia, por sua vez, aumentou 10,93% (mais 4,61 euros), uma subida semelhante à dos lacticínios, que desde 23 de Fevereiro já aumentaram 10,55% (mais 1,21 euros). Os congelados aumentaram 2,80% (mais 0,39 euros).

Desde 23 de Fevereiro, a DECO PROTESTE tem monitorizado todas as quartas-feiras, com base nos preços recolhidos no dia anterior, os preços de um cabaz de 63 produtos alimentares essenciais que inclui bens como peru, frango, pescada, carapau, cebola, batata, cenoura, banana, maçã, laranja, arroz, esparguete, açúcar, fiambre, leite, queijo e manteiga.

Começa-se por calcular o preço médio por produto em todas as lojas online do nosso simulador em que se encontra disponível, e depois, somando o preço médio de todos os produtos, obtém-se o custo do cabaz para um determinado dia.

Esta análise tem revelado aumentos quase todas as semanas, com alguns produtos a registarem subidas de preços de dois dígitos de uma semana para a outra.

Na última semana, entre os dias 5 e 12 de Outubro, os dez produtos com maiores subidas de preço foram o açúcar branco (mais 17%), a laranja (mais 12%), o carapau (mais 10%), o grão cozido (mais 9%), a farinha para bolos (mais 9%), o leite meio-gordo (mais 9%), a curgete (mais 8%), as salsichas (mais 8%), o azeite virgem extra (mais 7%) e o tomate (mais 7 por cento).

Já os dez produtos que mais viram o

seu preço aumentar entre 23 de Fevereiro e 12 de Outubro foram a pescada fresca (mais 67%), os brócolos (mais 50%), a couve-coração (mais 40%), a farinha para bolos (mais 35%), a laranja (mais 32%), o frango inteiro (mais 31%), a polpa de tomate (mais 30%), o bife de peru (mais 30%), a bolacha maria (mais 29%) e o leite meio-gordo (mais 28 por cento).

Porque aumentam os preços?

Segundo ainda a DECO, o problema é histórico: Portugal está altamente dependente dos mercados externos para garantir o abastecimento dos cereais necessários ao consumo interno.

Actualmente, estes representam apenas 3,5% da produção agrícola nacional — sobretudo milho (56%), trigo (19%) e arroz (16 por cento).

E se no início da década de 90 a autossuficiência em cereais rondava os 50%, actualmente, o valor não ultrapassa os 19,4%, uma das percentagens mais baixas do mundo e que obriga o país a importar cerca de 80% dos cereais que consome.

A invasão da Rússia à Ucrânia, de onde provém grande parte dos cereais consumidos na União Europeia, e em Portugal, veio, por isso, pressionar ainda mais um sector há meses a braços com as consequências de uma pandemia e de uma seca com forte impacto na produção e na criação de stocks.

A limitação da oferta de matérias-primas e o aumento dos custos de produção, nomeadamente da energia, necessária à produção agroalimentar, podem, por isso, estar a refletir-se num incremento dos preços nos mercados internacionais e, consequentemente, nos preços ao consumidor de produtos como a carne, os hortofrutícolas, os cereais de pequeno-almoço ou o óleo vegetal.

No peixe, por sua vez, a subida dos preços poderá estar a refletir o aumento dos preços dos combustíveis, que tem um elevado impacto na indústria da pesca.

Aumento da taxa de inflação

Os consecutivos aumentos dos preços ao consumidor, nomeadamente em produtos como os combustíveis e a alimentação, estão a contribuir para um aumento da taxa de inflação.

De acordo com o Instituto Nacional de Estatística (INE), a taxa de inflação chegou aos 9,3% em Setembro deste ano, um aumento de 0,4 pontos percentuais em relação ao mês de Agosto.

Expressa em percentagem, a inflação traduz a subida média do nível de preços num determinado período.

Para fazer face aos aumentos de preços e evitar gastos supérfluos, é essencial adoptar alguns hábitos ou mudar comportamentos.

Maiores subidas nos Açores nos restaurantes, transportes e bens alimentares

A taxa de inflação nos Açores foi de 6,37% em Setembro, sendo a nacional de 9,28%.

A taxa de variação média dos últimos doze meses, terminados em Setembro, do Índice de Preços no Consumidor, "Total", subiu para 3,72%.

As maiores variações médias positivas verificaram-se nas classes "Transportes" (10,68%), "Restaurantes e hotéis" (8,48%), "Produtos alimentares e bebidas alcoólicas" (4,79%) e "Habitação, água, electricidade, gás e outros combustíveis" (2,60%).

Em sentido contrário, a classe que apresentou a única variação média negativa foi a do "Vestuário e calçado" com -2,87%.